

# **Luteranismo “de Missão” no Brasil: um Sonho Irrealizável?**

## **Alguns Estímulos a partir da Ação dos Obreiros de Basileia no Século XIX\***

**Marlon Ronald Fluck**

### **Introdução**

A somatória de eventos tais como a reforma pombalina, os intentos liberalizantes de Diogo Feijó, a alteração da Constituição de 1824, a necessidade de povoamento do sul do Brasil, a influência positivista (com sua noção de progresso), a necessidade de braços substituindo a mão de obra escrava, entre outros, determinaram a presença de imigrantes europeus protestantes no Brasil. Por via de regra, eram vítimas de dupla marginalização: em seu país de origem, forçando-os a emigrar, e em sua nova pátria, sofrendo marginalização social, econômica, cultural, política e religiosa. Em decorrência das condições adversas, ocorre uma inibição de iniciativas evangelizadoras para fora do grupo étnico, limitando-se, na maioria das vezes, a conquistar espaço para sobreviver. Muitos imigrantes também haviam introjetado uma timidez quanto à exteriorização da fé em virtude de perseguições religiosas decorrentes das trocas constantes da orientação religiosa do príncipe eleitor (todos os súditos eram forçados a adotar a religião do príncipe ou procurar outra região para moradia).

As abordagens sobre a história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) até aqui publicadas não privilegiaram a pesquisa a partir da pergunta pela evangelização, o que pode facilmente levar alguém a deduções apressadas (como, por exemplo, que não haveria o que dizer sobre isso). No pouco tempo que dediquei ao assunto, já percebi que “nesse mato tem coelho”.

A pergunta motivadora desse escrito é: se somos um Igreja cujo quadro de obreiros, no decorrer do século XIX, foi composto basicamente por egressos de casas de missão<sup>1</sup>, por que não somos classificados tipologicamente como Igreja “de missão”? Se a preparação daqueles obreiros visava a evangelização de africanos e asiáticos, porque se propaga hoje o senso comum de que nossa denominação preocupou-se, no decorrer de sua história, somente com as pessoas de etnia germânica? Será que o percurso maríti-

mo entre os estados germânicos e o Brasil fê-los perder os impulsos missionários recebidos no decorrer de anos de formação teológico-missionária? Será que outra possibilidade interpretativa é que aqueles que vieram de seminários de missão teriam tido suas ênfases eclesiástico-missiológicas transmutadas pelos que, posteriormente, coordenaram os sínodos?

Na busca de resposta a essas perguntas, optei por, prioritariamente, pesquisar a história da evangelização na IECLB a partir da ótica de uma sociedade missionária dentre as várias que aqui atuaram. Decidi trabalhar em torno da ação dos egressos da Casa de Missão de Basileia, procurando averiguar, nas respectivas comunidades em que atuaram, o que ainda resta de documentação do período.

## **1 — A Pré-História da Atuação da Sociedade Missionária de Basileia no Brasil**

Entre 1827 e 1860, instalaram-se em São Paulo imigrantes alemães e suíços, formando aquilo que se usou chamar “colônias de parceria”. Esses imigrantes provinham de territórios de grande presença luterana e calvinista. Diferentemente da experiência do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, onde os colonos receberam terras por doação, os de São Paulo vinham para trabalhar, em parceria com os latifundiários no plantio de café, sendo que lhes era prometido que, com o dinheiro recebido pelo trabalho “livre”, em cinco anos teriam o suficiente para a aquisição de sua própria colônia. No entanto, a realidade não conferia com as promessas, sendo que, em 1857, os colonos localizados em Ibicaba se rebelaram contra a exploração sofrida através do senador Vergueiro. Thomas Davatz, suíço escolhido para desempenhar as funções de professor e pastor entre eles, tornou-se também seu porta-voz nas discussões com a família Vergueiro. Passou a correr perigo de vida. Teve depois, através de pressões externas, a possibilidade de retornar à Suíça. Pensavam que, com a saída do intelectual, tudo se acalmaria. Davatz, no entanto, era possuidor de compromisso cristão profundo. Chegando à Europa, escreveu um livro sobre a situação dos colonos no Brasil. Em certo momento, diz:

Desejo que os homens de bem possam fazer um juízo sereno a meu respeito, como chefe que fui dos colonos rebeldes. As situações em que nos vimos envolvidos encerravam embaraços e dificuldades de toda sorte (...). Mas também tenho consciência de que todo verdadeiro cristão, conhecedor das condições em que se acham os colonos, há de pensar comigo que *é um dever sagrado cooperar energicamente para que a situação se modifique*. É imprescindível um auxílio eficiente aos colonos. Há quem se esforce, e com carradas de razão, por facilitar o resgate de pobres escravos negros cuja triste condição um hábito secular legalizou, por assim dizer. No caso em apreço trata-se tão-somente de libertar indivíduos cuja escravidão brada contra todas as leis, indivi-

duos que se encaminharam às colônias americanas atraídos por promessas de liberdade, prosperidade e fortuna, e que ora se debatem no sofrimento e na miséria.

Há também quem se dedique ao empenho louvável de chamar os pagãos ao seio do cristianismo: — pois bem, o caso que me ocupa é o de pessoas que nasceram e que se criaram na religião cristã e que, se perdurar a situação em que ora se encontram, hão de retrogradar ao mais completo paganismo; é o de irmãos nossos que, em uma palavra, se vêem hoje reduzidos à extrema penúria. Diante do sagrado compromisso (...) de *tudo* fazer para que fossem socorridos os que ficaram nas colônias, e diante da minha firme deliberação de aceitar e honrar tal compromisso, venho pedir e implorar, em nome de milhares de pobres colonos da Suíça, da Prússia, da Baviera, da Saxônia, do Hannover, do Baden, do Holstein, de Schwartzburg-Rudolfstadt, Hesse-Darmstadt, Mecklemburgo-Schwerin, Saxe-Altemburgo e Saxe-Weimar.<sup>2</sup>

Davatz propõe algumas formas de ação para remediar a situação. Seu livro foi publicado em 1858.

Em 1857 e 1858, encontrava-se em viagens de pesquisa por Brasil, Estados do Prata, Chile, Bolívia e Peru, Johann Jakob von Tschudi. Publicado logo após a primeira estada de von Tschudi no Brasil, o livro de Davatz certamente alertou o povo suíço, em particular, e europeu, em geral, para os graves problemas existentes na imigração no Brasil. Em 1860 von Tschudi será escolhido como enviado especial da Confederação Suíça junto à corte de Sua Majestade o imperador D. Pedro II, “cabendo-lhe em missão especial, estudar os problemas de imigração no Império”<sup>3</sup>. Com isso, passará a visitar colônias em várias partes do país. Visita Mucuri (hoje conhecida como Teófilo Otoni, MG), Santa Leopoldina e Santa Isabel (no Espírito Santo), colônias de parceria (situadas em São Paulo, na região de Limeira, Rio Claro, Jundiá, Piracicaba e Campinas), bem como várias colônias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Escrevendo sobre sua estada em Rio dos Bugres (Santa Isabel, SC), von Tschudi diz:

Todos os colonos pediram-me muito que fizesse o possível para conseguir que o governo lhes enviasse um pastor e um professor. (...) Com respeito ao pastor, apenas no Rio de Janeiro pude encaminhar o caso. O ministro da Agricultura mostrou-se pronto imediatamente a preencher esta necessidade urgente, e pediu-me para mandar buscar um conselheiro espiritual (pastor) para esta colônia. E assim, ainda antes que passasse um ano, a colônia de Santa Isabel possuía um abnegado pastor enviado pela Missão de Basiléia.<sup>4</sup>

A Sociedade Missionária de Basiléia (SMB), criada em 1815, surgiu pela ação conjugada de elementos luteranos e calvinistas que se uniram para trabalhar em prol da missão da Igreja entre os pagãos da África e Ásia. Desenvolveram projetos missionários nesses locais, sendo que o interesse pelo ser humano integral esteve presente, assumindo configurações distintas, dependendo do contexto<sup>5</sup>. “Ainda que oficialmente fosse uma sociedade suíça, recebia grande parte de seu sustento financeiro e muitos de seus missionários da Alemanha.”<sup>6</sup>

## 2 — Brasil: Novo Campo Missionário

Diante da petição dos colonos, mediada por von Tschudi, “o abastecimento dos companheiros de fé com a palavra da vida em meio à população católica-romana e pagã dos reinos da América do Sul apresentou-se ao Comitê como uma urgente e penetrante obrigação do amor”<sup>7</sup>.

Nos dois decênios que se seguem, a Sociedade Missionária de Basileia enviará como organização missionária autônoma (após esse período, virão muitos outros missionários formados em Basileia, mas enviados por outra missão), pelo menos 23 missionários ao Brasil<sup>8</sup>. Como essa sociedade estava voltada prioritariamente à missão evangelizadora de não-cristãos, a orientação que recebem os enviados é que, ao atender aos protestantes de fala alemã, não excluam a pregação do evangelho aos negros, índios e católicos romanos<sup>9</sup>. Avaliando a contribuição dessa sociedade para os imigrantes espalhados pelo Brasil, tem-se de sublinhar que

merece consideração ainda maior a contribuição da Missão da Basileia. Esta desempenhou aquilo que foi negligenciado pelos alemães. Desde 1861, a partir do momento em que teve notícia das dificuldades no Brasil, ela enviou pastores para ali, até que a Alemanha passasse a ajudar. Cumpre levar em conta aqui que a ajuda ao Brasil por parte de uma sociedade de missão passava apenas por tarefa adicional, uma vez que o provimento de emigrados alemães não estava em sua competência intrínseca.

O trabalho da Missão de Basileia foi então assumido sobretudo pela Sociedade de Barmen; mesmo sendo ela auxiliada também pelo “Evangelischer Oberkirchenrat”, observe-se que foi uma Sociedade independente quem começou o trabalho em prol do Brasil; é ela a entidade que enviou a maior parte dos pastores para o Brasil até o momento, ou ao menos até o ano de 1900. (...) Com a entrada da Sociedade de Barmen no trabalho no Brasil, tem início um provimento eclesiástico constante dos evangélicos; o auge do auxílio prestado de Barmen assim como pela Associação Gustavo Adolfo ocorre apenas depois do ano de 1900.

Essa organização supra-eclesiástica independente tem o mérito de haver sido a primeira a reconhecer a precária situação dos evangélicos no Brasil e de ter prestado, por sua intervenção, o primeiro e portanto, decisivo socorro à vida eclesial.<sup>10</sup>

Os dois primeiros enviados pela SMB ao Brasil são procedentes de Württemberg: Karl Wagner, que atuou de 1861 a 1864 em Santa Isabel e Teresópolis, em SC<sup>11</sup>, e B. Pflüger, que atuou em Rio Novo, ES<sup>12</sup>. Em fevereiro de 1862, seguem-nos Johann Leonhard Hollerbach, que atuou em Mucuri, atual Teófilo Otoni, MG, de 1862 a 1899<sup>13</sup>, e Gottlieb Strölle, que atuou em Petrópolis, RJ, de 1862 a 1866<sup>14</sup>. Sabe-se que Hollerbach chegou ao Rio de Janeiro, sendo lá hospedado na residência do P. Billroth, onde, como forma de informar-se sobre seu campo de missão, teve

a oportunidade de ler o livro do dr. Avé-Lallemant que poucos anos antes visitara a zona do Mucuri e a descrevera como sendo o cúmulo de toda infâmia

que a vil especulação com carne humana já tinha empreendido. Quem para lá se dirigisse, seria condenado à miséria; quem ali tivesse de permanecer, teria caído numa grande desgraça; quem pudesse sair de lá, exultaria como a alma que escapa do purgatório. (...)

A 26 de abril, o P. Hollerbach embarcou no Rio rumo a Philadelphia. Veio sem ilusões, na expectativa de encontrar aqui os mais duros tormentos, fome, bichos-de-pé, feridas, febres, casebres primitivos, índios bravos, enfim, tudo o que grassava no Mucuri, segundo as descrições do dr. Lallemand. E não era só isso. Considerava as altas responsabilidades de um pastor em circunstâncias tão desoladoras e tinha pouca confiança em si e na sua capacidade. Quase recuou ainda na última hora. O navio levantou âncora e dirigiu-se ao mar. Da mesma maneira o pastor teve de levantar a proa da sua fé e esperança para o futuro. Era uma obrigação. Tinha-se decidido. Não podia, nem queria mais voltar.<sup>15</sup>

Três anos depois, Hollerbach falou sobre seu pastorado, dizendo:

Somente a minha firme convicção me impele a continuar no serviço da igreja e escola, apesar do risco dos assim chamados livres pensadores, apesar do escárnio e das caçadas dos espíritos “fortes”, apesar da aparente esterilidade do campo. Preciso de toda a minha força da fé para abrir a boca, dando testemunho do pecado humano e da graça divina, estas duas pedras de tropeço.<sup>16</sup>

Viajava freqüentemente à Bahia (a Santa Clara e Leopoldina), sendo que “pregava em toda parte a todos que o queriam ouvir; pregava em alemão, português e francês”<sup>17</sup>. Decidiu, em 1887, realizar uma viagem missionária até Pernambuco, sendo que, de 3 de junho a 1º de agosto, pregou dez vezes em alemão, quatro em francês e 21 em português.

Servir — eis o lema da sua vida. (...) Em outra ocasião, passava a cavalo perto de uma fazenda e viu um preto amarrado a uma árvore, que estava sendo açoitado por ordem do fazendeiro. Apeou-se e soltou o homem, advertindo o fazendeiro (que não era da sua igreja), lembrando-o que não é assim que se trata uma criatura de Deus, pela qual também Cristo morreu. Na defesa da causa de Deus e dos direitos dos homens não conhecia medo.<sup>18</sup>

Sua visão missionária está presente em sua frase: “A igreja, o evangelho bem aventurado, este levo à casa de cada um, com muito prazer.”<sup>19</sup> Parece-me que isso tipifica também a visão dos missionários advindos de Basileia, em geral. Haverá missionários seus em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1867, serão oito os que se encontram no Brasil. Em 1881, são em número de dez.

### 3 — História da Teologia e da Missão

À medida que pesquisava, surgia a pergunta pelo tipo de teologia e pietismo que a Sociedade Missionária de Basileia cultivava no período em que atuou como organização autônoma no Brasil (1861-1886). Sabe-se que

havia uma íntima relação entre o pietismo em Basileia e o do sul da Alemanha, bem como o da Suábia<sup>20</sup>. Os líderes da sociedade “gozavam da confiança incondicional dos amigos da missão em Württemberg, Baden e Suíça, onde é a única *Landesmission*”<sup>21</sup>.

Ao pietismo de Basileia falta o caráter daquilo que se chamaria “cristianismo de conventículo”<sup>22</sup>. As horas missionárias eram uma nova forma dos antigos conventículos<sup>23</sup>. Tinha o caráter de um pietismo missionário livre de separatismos. Entre a Igreja organizada e o modo evangélico de pensar e os pietistas de Basileia não havia atrito. Havia harmonia nos objetivos da Igreja e do movimento missionário<sup>24</sup>. As grandes guerras do século XIX (napoleônicas e outras) haviam produzido um despertar espiritual.

Os esforços missionários dirigiram-se à Armênia e Pérsia, à missão aos judeus (1812). A partir de 1827, à Costa do Ouro, na África, e à Grécia. Em 1834, a Índia. Em 1846, à China. Em 1859, implantou-se a Sociedade Missionária para Missão Urbana. No que respeita à diáspora da população alemã, em 1826 chamou a atenção do Comitê da Missão de Basileia a situação dos colonos evangélicos do Brasil, mas não chegou, naquele momento, a tomar uma decisão no sentido de encarar o Brasil como seu campo missionário. Abriu, então, o trabalho de acompanhamento de alemães em diáspora nos EUA (a partir de 1828) e na Austrália, sendo que até 1864 já haviam sido enviados 80 missionários aos EUA, o que certamente marcou o transfundo dos experimentos missionários que dar-se-iam posteriormente no Brasil. Foi só em 10.07.1861 que se decidiam, “em nome de Deus, enviar três irmãos ao Brasil”<sup>25</sup>.

Os membros da Sociedade Missionária permaneciam fiéis às suas igrejas. Havia uma relação orgânica com a Igreja pelo fato de que o missionário era ordenado por sua Igreja de origem. Com isso, o que se percebeu é que a missão trouxe retornos para a Igreja, visto que motivou o despertar e impulsionou o amplo movimento conhecido como “Missão Interna”<sup>26</sup>.

Havia um caráter eclesiástico mas não confessional no trabalho missionário. Dessa forma, os pagãos que se convertiam não eram incomodados pelas brigas confessionais européias. O pessoal de Basileia achava que era mais do que suficiente que os evangélicos da Europa já estivessem divididos por essas questões<sup>27</sup>.

Christian Friedrich Spittler, idealizador da Sociedade Missionária de Basileia, não era formado em Teologia, mas tinha uma grande realização em seu trabalho para o reino de Deus<sup>28</sup>. Em termos sociais, “a experiência havia ensinado que a mesma pessoa que tem um coração aberto para a necessidade dos pagãos também intervém a favor do Lázaro pobre que está à sua porta”<sup>29</sup>.

Spittler propôs uma “missão de professores de escola”, não somente para os pagãos, mas também para os “cristãos paganizados na Europa, que se contentam com o mínimo sustento e alojamento”, ou seja, os que

estão sofrendo a espoliação resultante do processo de industrialização. Planejaram-se um seminário para professores de escola para pobres e lares de resgate para crianças pobres abandonadas<sup>30</sup>.

No campo missionário transcultural, manifestou-se o interesse pela pessoa integral, demonstrado na atuação dos missionários na área médica, sendo que criaram hospitais em que lutaram a favor das necessidades do corpo dos pagãos, no ensino, através das escolas, nos estabelecimentos culturais e na ação missionária, junto com os membros das igrejas, para auxiliar em uma reorganização social<sup>31</sup>. Stephen Neill fala que os oriundos da Missão de Basiléia destacam-se, mais do que os de outras missões, pela dedicação ao progresso econômico das regiões em que atuaram, sendo que criaram indústrias de telhas e de produtos têxteis em todo o sul da Índia, por exemplo<sup>32</sup>.

#### 4 — A Origem Social dos Missionários

Paul Jenkins, escrevendo sobre sua atuação na África, descreve o pietismo de Württemberg, de onde veio o pessoal que formou os quadros atuantes nos campos missionários da Missão de Basiléia, como composto basicamente de agricultores e artífices. É formada por uma composição pré-industrial de forças. Descreve-o como movimento que idealizava a vida rural e a agricultura de subsistência<sup>33</sup>. Tinham a visão de que a África necessitava de alemães exatamente porque são o povo continental que tradicionalmente viveu como agricultores e artesãos<sup>34</sup>. No final do século XIX, Württemberg estava envolvida em um rápido processo de transformação que a tornou uma região industrializada até a irrupção da Primeira Guerra Mundial<sup>35</sup>. A atuação direta da Missão de Basiléia no Brasil como organização autônoma deu-se naquela primeira fase, chegando até a borda do processo industrializador. É importante clarear isso, visto que as origens e as experiências sociais têm a ver com os ideais e aspirações sociais dos missionários em sua atuação<sup>36</sup>. A origem social das esposas certamente também desempenha papel similar na composição desse espectro. Grande proporção de missionários no Brasil casar-se-iam com filhas de missionários, geralmente das mesmas origens sociais. Eles criaram laços profundos entre si, sendo que foram compadres nos batismos dos filhos uns dos outros, testemunhas nos casamentos e vários até vieram a casar com filhas dos missionários de maior idade, deslocando-se longas distâncias para estar juntos nesses momentos especiais, num Brasil em que havia grandes dificuldades de locomoção entre áreas tão distantes. Souberam apoiar-se mutuamente na doença, e, em poucos casos, inclusive no momento da morte. O puritanismo pietista que os caracterizava era entendido como “uma busca de uma melhor qualidade de vida, mais constância na vida familiar e um fim para os modelos de procedimento que destruíam a confiança e ameaçavam as relações econômicas fundamentais”<sup>37</sup>.

O pietismo de Württemberg do século passado está enraizado em suas conexões com o etos puritano e na idealização da sociedade pré-industrial<sup>38</sup>. Sua atuação “pode ser descrita como missão *da aldeia para a aldeia*”<sup>39</sup>. É a partir desse contexto de origem que se podem entender as palavras de Johann Leonhardt Hollerbach, então pai de dez filhos e pastor do vale do Mucuri (MG), quando escreve, em 1881:

Fomos forçados a abster-nos de muitas coisas. Desejais que o diga? Recentemente, ao iniciar uma viagem, durante a qual esperava recolher algumas dádivas, minha fiel esposa recomendou: “Se for possível, traga um pouco de fazenda, porque a minha última camisola já está se desfazendo.”

Eu mesmo não tenho mais de três camisas, todas elas desgastadas nos punhos e colarinho. Mas não há razão para temores. *Ele* ajuda maravilhosa e diariamente. Quando a perspectiva de morrer e deixar ao desamparo minha pobre família me oprime o peito, concentro-me em Sua promessa: “*ele tudo faz bem*” e então me sinto animado para prosseguir.<sup>40</sup>

Em uma carta ao Comitê, em 27.02.1882, aprofunda a percepção: “E se meus filhos forem, no futuro, apenas simples homens do campo, nem por isso estarão mais longe do céu. A despeito de todas as aparências negativas, eu confio naquele que abençoa aos milhares de milhares”<sup>41</sup>. Em 5.3.1882, escrevia:

(...) estava por vezes na iminência de ter de desfazer-me da camisa que trazia ao corpo, para adquirir sustento. (...) quanto à minha pessoa me impus a máxima frugalidade. As 250 gramas de manteiga, por exemplo, que apareciam sobre a mesa só aos domingos, em consideração aos numerosos hóspedes que sempre havia num dia desses, já há dois anos não compramos mais.<sup>42</sup>

## 5 — O Engajamento Social

O engajamento social dos obreiros oriundos da SMB pode ser descrito como desenvolvido em vários campos, como:

### 5.1 — O Trabalho Médico

Pelo menos três dos missionários atuaram na área médica ao lado do pastorado. Trata-se de Johannes Stanger (1820-96) com experiência anterior em Christiansborg (por nove anos) e Abokobi, na Costa do Ouro, África (onde ficou 18 anos, ao todo). Como sua saúde se deteriorasse, o Comitê enviou-o ao Brasil. Foi pastor em Picada 48, de 1865 até 1874, quando então, buscando melhores condições para seus dez filhos, dirigiu-se aos EUA, onde assumiu comunidades em Hausville, Ohio, e em New Buffalo, Michigan<sup>43</sup>. Enquanto esteve no Rio Grande do Sul, era muito procurado como médico. O P. Michael Haetinger e o P. Johann Rudolf D. Dietschi também são mencionados como pastores que trabalhavam como médicos<sup>44</sup>.

## 5.2 — O Asilo Pella-Bethania

Como sabemos, todo o envolvimento com órfãos começou através do apoio de Michael Haetinger, pastor do Sínodo Riograndense de 1874 a 1930, Karl Wegel, pastor do mesmo Sínodo de 1869 a 1894, e Heinrich Hunsche, sendo o primeiro oriundo da SMB.

## 5.3 — A Consciência da Situação de Escravidão

Escritos de missionários da SMB de 1864 falam sobre o sistema escravagista brasileiro como maldição moral. Isso é descrito como componente da índole portuguesa de vida, visto que os portugueses precisam que outros trabalhem para eles, em especial no que exija esforço físico. Houve uma tentativa de aproveitamento do índio, mas, no fim, apelou-se para a escravização negra. Até 1850, foram milhões de escravizados africanos. Depois começaram a usar asiáticos, especialmente os chineses (na região do Mucuri havia chineses, vivendo em semi-escravidão). Mais recentemente, os trabalhadores alemães e suíços surgiram como opção para os escravos negros. Desde 1842, isto encontrou sua forma no “arrendamento à meia” ou “sistema de parceria”. Tiveram, então, de se sujeitar a ser “escravos brancos”<sup>45</sup>.

Além da consciência da própria situação similar à escravização negra em que os alemães se encontravam, alguns fizeram algo concreto a favor do negro. Lembramos, a título de exemplo, o episódio, já mencionado acima, em que Hollerbach, ao ver um preto preso em uma árvore, que estava sendo açoitado a mando de um fazendeiro, apeou de seu cavalo e soltou-o, “advertindo o fazendeiro (que não era da sua igreja), lembrando-o que não é assim que se trata uma criatura de Deus, pela qual também Cristo morreu”<sup>46</sup>. Percebe-se que ele pregava o evangelho a escravos e empregados de fazendeiros da região do Mucury e além dali<sup>47</sup>.

## 5.4 — A Escola

Vários missionários foram mestres-escolas: Johann Jakob Zink (Limeira, Rio Claro), Hollerbach (Mucuri), Gottlieb Strölle (Petrópolis, RJ), Karl Wagner-Groben (teve 95 alunos no Rio de Janeiro, RJ, sendo que, entre 1864 e 1871, teve sete audiências com o imperador D. Pedro II), mas certamente a experiência mais marcante foi a do Instituto de Confirmandos, em Santa Isabel, SC.

Há publicações recentes que apontam para o fato de que esse instituto implantou concepções de Pestalozzi em plena floresta virgem (selva) brasileira no decorrer do século XIX<sup>48</sup>. Christian Tischhauser, um filho de agricultor que queria ser comerciante, mas que foi questionado por um professor acerca de sua verdadeira vocação e que então se tornou professor parti-

cular e, posteriormente, professor no seminário de Schiers, quando finalmente ingressa na Casa de Missão de Basileia, de onde será enviado ao Brasil, para aqui permanecer oito anos e meio, é mencionado como o implantador das idéias de Pestalozzi. Em seu livro, publicado em 1872, “Advertências pedagógicas para a Casa e a Escola”<sup>49</sup>, o então pastor em Santa Isabel, SC, apresenta 60 aspectos de relevância. Após sua volta a Suíça, ele torna-se o segundo professor de Teologia na Casa da Missão<sup>50</sup>, o primeiro suíço a ocupar esse cargo, onde permanece até seu falecimento, em 1904, 24 anos depois.

A casa-escola surgiu devido ao fato de que a distância e as colheitas impediam crianças de estudar e preparar-se para a confirmação. Em 1863, foi inaugurado o instituto. O relatório da inspeção feita pelo presidente da província à Assembléia Legislativa Provincial diz que o internato criado pelo pastor protestante, em que “são admitidos os meninos de um e outro sexo, recomenda-se pelo método e bom regime, do que dá testemunho notável o adiantamento dos alunos”<sup>51</sup>. Ao lado do ensino, recebem “educação apropriada à vida de agricultores (...), encarregando-se a esposa do pastor da parte relativa à educação das moças”<sup>52</sup>.

Mais tarde, o missionário Dietegen Flury experimenta um avivamento em meio aos confirmandos (entre 1872 e 1874), sendo o missionário confundido com os “Mucker”, o que o levou a ser preso e perder seu salário<sup>53</sup>.

## 6 — Missão para fora da Etnia

A Missão insistia que, ao atender protestantes de fala alemã, os missionários não excluíssem a pregação do evangelho aos negros, índios e católicos romanos<sup>54</sup>. Hollerbach é modelo nisso. Sua visão está resumida em sua frase, já citada acima: “A igreja, o evangelho bem-aventurado, este levo à casa de cada um, com muito prazer.”<sup>55</sup>. Ele pregou a escravos e empregados nas fazendas<sup>56</sup>. Pregou em residências dos holandeses, em alemão e português<sup>57</sup>. Em 1882, diz, a respeito dos brasileiros, que “eles é que me buscam”<sup>58</sup>. Pregou em francês entre franco-suíços<sup>59</sup>. Em Barreado e Santa Clara, BA, pregou em várias casas, “especialmente a brasileiros, portugueses e italianos”<sup>60</sup>. Havia gente brasileira que era membro da Comunidade Evangélica<sup>61</sup>.

Quando averigüei o lançamento de ofícios eclesiásticos da Comunidade de Petrópolis, RJ, no que respeita ao pastorado de Strölle (1862-1866), percebi registros de vários ofícios administrados a favor de pessoas de sobrenome luso e francês, além dos tradicionalmente vinculados aos germânicos. Seria isso sinal comprobatório do envolvimento concreto para fora da etnia?

## 7 — Missão e Relações Ecumênicas

Na inauguração do templo da Comunidade de Petrópolis, ocorrida em 1863, percebe-se que o pastor Strölle, que havia coordenado a campanha para sua construção e que agora oficiava o culto de consagração do mesmo, convidou para pregar no vernáculo o mesmo reverendo que também ofertou soma considerável para sua construção: o P. Dr. Robert Reid Kalley, iniciador da Igreja Congregacional, médico, evangelista e abolicionista.

Com Johann Jakob Zink, pastor no estado de São Paulo de 1869 a 1891, percebe-se uma atuação missionária em cooperação com presbiterianos. Ele até tornou-se temporariamente pastor presbiteriano, quando os alemães das comunidades que pastoreava não se dispuseram a sustentá-lo. Há uma cooperação com missionários presbiterianos também na comunidade existente na cidade do Rio de Janeiro.

Esse mesmo tipo de cooperação com o protestantismo de missão também se percebe no contexto do Sínodo Riograndense, onde o missionário metodista, bem como o bispo episcopal, ambos procedentes da ala “evangelical” de suas respectivas igrejas, foram portadores de desafios missionários muito claros para os concílios sinodais, em especial na virada de século.

O que vimos leva-nos a perguntar por que a IECLB se fechou ao diálogo e à cooperação ecumênica com grupos mais identificados com um protestantismo de missão. Não seria hora de ampliar os relacionamentos cooperativos? Seria fiel à nossa história manter um ecumenismo unilateral?

## 8 — Sustento Pastoral

A situação de escassez por que passaram as famílias pastorais se manifesta claramente nas cartas de Johann Leonhardt Hollerbach, ou na opção de Johannes Stanger de ser missionário nos EUA, a fim de ter melhores condições de sustento para os dez filhos. A pobreza real a que foram submetidos vários dos obreiros da Sociedade Missionária de Basileia, que mantinha uma política de auto-sustento dos enviados (concedia somente a passagem até o local de ministério), era decorrente, na maioria das vezes, da indiferença, e até repúdio, ao cristianismo por parte dos imigrantes alemães. Johann Jakob Zink, por um bom tempo único pastor no estado de São Paulo, expressa-o em um relatório à missão escrito em 1869, onde diz:

Quando, no ano de 1869, o signatário desta foi enviado de Basileia para cá, como jovem sacerdote, receberam-no com muita desconfiança. Um dos antigos alemães de influência declarou-me que preferia dar 10 mil réis para uma escola do que um mil réis a um padre, e essa mentalidade muitos a tem ainda.<sup>62</sup>

Em meio às dificuldades de alcançar auto-sustento percebe-se que aquilo que foi dito especificamente sobre Hollerbach aplica-se à grande maioria dos egressos de Basileia: “era de admirar o milagre da multiplicação de re-

curso que o pastor conseguia”<sup>63</sup>. Esse recurso a ser multiplicado, além daquele proveniente de ofertas advindas do próprio pessoal das comunidades, certamente originou-se do envolvimento dos missionários em uma segunda atividade (ao lado da função de pastor). Quanto a isso, poder-se-ia mencionar os seguintes tipos de envolvimento:

### **8.1 — Função de Mestre-Escola**

Quanto a isso, não são necessários grandes comentários, visto já termos falado a respeito quando tratamos do engajamento social dos missionários. Muitos foram sustentados pela escola, que, naquela época, também enfrentava grandes dificuldades para sobreviver, em especial nas cidades, onde tinha de competir com as concorrentes.

### **8.2 — Exercício da Medicina**

Também a respeito dessa área já mencionamos o envolvimento de três missionários, certamente servindo como complementação para o sustento da respectiva família.

### **8.3 — Indústria de Sabão**

O P. Zink certamente está entre aqueles que mais sofreram necessidades financeiras. Em meio à situação de indiferentismo que encontrou, desde o princípio necessitou envolver-se no trabalho de mestre-escola, criando pelo menos duas escolas como meio de auto-sustento. No entanto, em algumas fases de sua estada no Brasil, a escola e as ofertas eclesiais não supriam o necessário para o sustento familiar. Em meio a uma dessas situações, criou, juntamente com seu filho, uma pequena fábrica de sabão. É um dos intentos desse que foi um grande teimoso em servir a Deus em meio aos alemães luteranos. Teve oportunidade de ser pastor presbiteriano, em cujo meio atuou por cinco anos<sup>64</sup>, tendo assim sustento assegurado, mas desistiu exatamente em obediência ao seu chamado.

### **8.4 — Trabalho Agrícola**

Em alguns locais, houve a necessidade de envolvimento no campo de agricultura, exatamente para a manutenção da família e também do trabalho eclesial, em especial naquelas paróquias de zona rural em que a proposta escolar não despertava muito interesse da população.

Certamente, essa segunda profissão era vista como uma necessidade emergencial. No entanto, o que se deu com os obreiros deveria ser melhor

estudado, servindo talvez como paradigma para a situação em que a IECLB atualmente se encontra, quando a questão dos ministérios alternativos se impõe como desafio do qual não pode mais se esconder.

## 9 — A Prática Missionária do Luteranismo Brasileiro Poderia Ter Sido Diferente?

É necessário, nesse momento, retomar a pergunta sobre o que teria feito com que a ênfase em uma missão para fora da etnia se tenha perdido. Por que os enviados da Sociedade Missionária de Basiléia não permaneceram em solo brasileiro como organização, podendo assim, com o tempo, estabelecer sua “agenda” missionária em boa parte do luteranismo no Brasil? Uma das perguntas que me acompanha é quando teria surgido a imagem de um luteranismo que “renuncia de missionar entre não correligionários. Limita-se por princípio a abranger todos os correligionários que se originam da Igreja Evangélica Alemã, e a levar a eles a sua assistência religiosa”<sup>66</sup>. Minha suspeita é que isso seja uma posição majoritária em meio ao luteranismo mais a partir do século XX, mais especificamente desde a sua segunda década.

No caso específico da articulação local de uma possível permanência organizada dos missionários de Basiléia no Brasil, há alguns aspectos determinantes, e que precisam ser melhor pesquisados. Um dos aspectos mais relevantes é certamente o intento de criação de um Sínodo Nacional a partir da iniciativa da Missão de Basiléia, envolvendo todos os pastores luteranos em solo brasileiro.

Em 1865, Carl Wagner-Groben, então pastor da Comunidade do Rio de Janeiro, convida todos os pastores luteranos do Brasil para a conferência de pastores evangélicos, a ser realizada no Rio de Janeiro. Os alvos das conferências que se sucederiam seriam o mútuo fortalecimento fraternal, a partir do compartilhar de experiências pastorais, e a posterior vinculação das comunidades em uma Igreja Evangélica Brasileira<sup>66</sup>. Hermann Borchard, então pastor em São Leopoldo, escreve ao Conselho Diretor da Igreja da Prússia, em Berlim, colocando-os a par do intento de Wagner de formar, a partir da conferência de pastores, um Sínodo Geral para o Brasil e expondo sua opinião de que julgava boa a idéia, mas prejudicial para o futuro da Igreja se fosse articulada tal Igreja no momento. Ele quer seguir a experiência feita na Prússia de primeiramente criar sínodos provinciais, e só então um Sínodo Geral. Acrescenta que as grandes distâncias, as dificuldades de comunicação e os gastos em tempo e dinheiro impediriam os pastores da província riograndense de participar do encontro de pastores no Rio de Janeiro<sup>67</sup>.

O “Evangelischer Ober-Kirchenrat”, em resposta, orienta Borchard dizendo que é contrário à participação de qualquer um de seus enviados e

que essa deve ser impedida, a não ser que as circunstâncias de uma nova preparação de um Sínodo Geral tragam consigo a acumulação do benefício de que as comunidades que anteriormente tinham vínculos com aquela Igreja territorial voltem à mesma, bem como seus atuais pastores<sup>68</sup>. Isso mostra claramente que a orientação é boicotar, a não ser que anos de ministério sejam dados gentilmente à Igreja prussiana.

Certamente há questões teológicas e metodológicas em jogo em todos esses posicionamentos. Wirth aponta para o fato de que, enquanto os egresos de Basiléia viam “a educação da juventude, em primeiro plano, como método de evangelização”<sup>69</sup>, do outro lado há uma propensão a encarar “a escola evangélica bem mais no papel de uma instituição para a preservação da germanidade”<sup>70</sup>. Ao mesmo tempo, Basiléia enfatizava que a Igreja surge a partir dos nascidos de novo (no sentido pietista do conceito), enquanto o Conselho Diretor da Igreja da Prússia enfatizava mais a edificação de comunidade a partir do seguimento da supervisão do mesmo. A ênfase desse está mais na questão organizacional<sup>71</sup>.

O que vai ocorrer, como resultado, é a participação unicamente de obreiros de Basiléia<sup>72</sup>, o que, com o tempo, devido aos altos custos<sup>73</sup>, faz com que a experiência se torne efêmera.

Posteriormente, dar-se-ão experiências tensas entre os obreiros dessas missões<sup>74</sup>. Borchardt vai ser o pivô da retomada de dois pastorados para o controle da Igreja da Prússia. No caso de Petrópolis, Bernhard Pflüger (pastor em Rio Novo, ES, de 1861 a 1868, e Petrópolis, RJ, de 1868 a 1870) estava envolvido em desavenças existentes entre membros da comunidade. Em uma assembléia da comunidade, em 29.08.1870, o P. Pflüger disse que o mais tardar em abril de 1871 deveria voltar à sua pátria. “Nessa época, em meio a uma viagem, veio Borchard a Petrópolis.”<sup>75</sup> A convite, Borchard pregou e participou da assembléia da comunidade, sendo que recebeu, então, o convite de assumir o pastorado ali. E o P. Pflüger “perdeu Petrópolis aos 21 de setembro de 1870”<sup>76</sup>. Borchard fica por algum tempo no pastorado, até que, em 25.06.1871, a assembléia da comunidade se define por um pastor da escolha do Conselho Diretor de Berlim<sup>77</sup>. Em janeiro de 1872, com tudo encaminhado para a sucessão, sente-se livre para retornar à Alemanha. No Rio de Janeiro, também em 1870, Basiléia também perderá um pastorado, com a saída de Wagner, sendo esse também ocupado por alguém enviado por Berlim. Posteriormente, a Missão de Basiléia abandona o campo missionário brasileiro aos cuidados da Missão de Barmen, associada ao Conselho Diretor de Berlim.

Creio que os detalhes dessa desistência de Basiléia têm de ser melhor pesquisados. Uma atuação missionária potencialmente distinta, ao meu ver, perdeu-se em meio a esse emaranhado de fatos. O que seria de nossa denominação se a agenda dos obreiros da SMB tivesse sido assumida em um Sínodo Evangélico Imperial, numa busca de cooperação entre as sociedades missionárias? Essa é uma pergunta advinda do passado da qual não pode-

mos fugir tão facilmente, se é que o nosso intento de elaborar um projeto missionário da IECLB não quiser menosprezar o referencial de nossa própria história eclesial.

### **Perguntas Estimulantes**

O alvo da reflexão apresentada acima não é trazer respostas acabadas para as grandes interrogações missionárias frente às quais a IECLB do presente vai ter de se posicionar. Gostaria, no entanto, de propor algumas questões a aprofundar, a partir das hipóteses trazidas à luz:

1. O desafio que está constantemente diante de nós é como articular missão em um universo tão carregado de interrogações e expectativas variadas como o nosso. É importantíssimo também que nunca se perca de vista o imperativo evangélico da evangelização. Essa evangelização jamais deverá excluir o engajamento social. Pelo contrário, o caminho do equilíbrio evangélico é aquele em que ambos se complementam.

Será que nisso a experiência dos irmãos de Basiléia nos ajuda? É urgentíssimo que se pesquise a história da IECLB de uma forma que privilegie a missiologia. Certamente resgataremos muitos elementos desafiadores de nossa história. Há várias sociedades de missão que nos poderiam conceder exemplos estimulantes de ministério, que até aqui estão esquecidos. Que estímulos há para que isso seja feito? Quem assumirá essa grande tarefa? Minha impressão é que nossa introversão missionária é decorrência de desconhecimento de nossa própria história.

2. Há várias questões a comentar sobre o ministério cristão. Vimos que a origem social e cultural dos obreiros é questão de fundo para o tipo de proposta de trabalho que se queira articular. O que isso significa para o futuro? De que forma, à luz disso, a IECLB encara, por exemplo, o desafio de ser Igreja na e para a cidade? Que tipo de obreiros estão sendo preparados para um país em que quase 80% da população já reside em zona urbana? Quem vai assumir o desafio missionário nas metrópoles? Será que um pastor formado em São Leopoldo consegue entender a metropolização, para poder ajudar a comunidade evangélica a articular uma proposta evangelizadora contextual? Missiologia tem a ver com crescimento numérico da Igreja?

3. Não podemos mais adiar a reflexão sobre ministérios alternativos. Uma segunda profissão seria uma boa opção para a missão num contexto de crise financeira? Como a experiência dos missionários do passado pode iluminar nossa decisão a respeito disso no presente? O que um estilo de vida simples tem a ver com o futuro do ministério cristão na IECLB?

4. Quais os desafios que o estudo acima descrito traz para a reflexão

ecumênica? Nossa história tem algo a dizer sobre passos a tomar no futuro? O que temos a aprender com as igrejas não-tradicionais? Temos nós algo a descobrir com as igrejas que crescem numericamente?

Essas são algumas das perguntas que a própria revisão da história evangélica brasileira do século passado nos lança. Não pretendo ter resposta para a maioria delas; não gostaria, no entanto, de deixar de formulá-las, visto que me sinto estimulado pelo que descobri. Muitas vezes fui pego de surpresa. Não pensei ter havido tanta potencialidade missionária na IECLB do passado. Continuo a, teimosamente, crer na possibilidade de um luteranismo de missão no Brasil. Que o sonho se torne realizável nessa geração!

## Notas

- \* Dedico este estudo à Missão Zero e àqueles que ainda acreditam na edificação de igrejas-modelo (1 Ts 1.2-10).
- 1 Como exemplo, pode-se mencionar que, no período de funcionamento do “Sínodo Têuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul”, o primeiro Sínodo no estado, de 1868-75, apenas dois pastores eram formados em Universidade (P. A. Collman e Wilhelm Rotermund), enquanto os demais eram provenientes dos Seminários de Missão de Barmen, Basiléia e St. Crischona. Dois eram de Universidade, e 15, de Missão.
- 2 Thomas DAVATZ, *Memórias de um colono no Brasil (1850)*, B. Horizonte, Itatiaia; S. Paulo, EDUSP, 1980 (Reconquista do Brasil, nova série, 11), p. 231s.
- 3 Afonso de E. TAUNAY, O barão Tschudi, in: Johann Jakob von TSCHUDI, *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, B. Horizonte, Itatiaia; S. Paulo, EDUSP, 1980 (Reconquista do Brasil, nova série, 14), p. 12.
- 4 Johann Jakob von TSCHUDI, *Reisen durch Süd-Amerika*, Leipzig, Brockhaus, 1866, v. 3, p. 408.
- 5 Sobre o estilo missionário desenvolvido pela Sociedade Missionária de Basiléia, veja-se: Stephen NEILL, *As missões cristãs*, Lisboa, Ulisséia, 1964, p. 259, 286, 312, 375 e 385.
- 6 Kenneth Scott LATOURETTE, *História del Cristianismo*, 3. ed., B. Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1977, t. 1, p. 537.
- 7 Wilhelm SCHLATTER, *Geschichte der Basler Mission 1815-1915*, Basel, Basler Missionsbuchhandlung, 1916, v. 1, p. 89.
- 8 Primeiramente, trabalhei com o número de 19, seguindo Flos. Cf. Max-Heinrich FLOS, Quem foi Johann Jakob von Tschudi?, in: ———, ed., *Nossos pais*; um livrinho que conta da nossa história centenária, Rio do Sul, Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná, 1961, p. 163. Posteriormente, tendo acesso à listagem constante no Arquivo da Missão de Basiléia, percebi que, no período em que a Missão foi organizada autonomamente no Brasil (1861-86), foram enviados 23 missionários. No entanto, após 1886, continuarão a chegar aqui egressos do Seminário de Basiléia, só que enviados através de outras instituições, aumentando o número para mais de 50 até 1956, quando chegará o último egresso de Basiléia de que, nesse momento, tenho conhecimento. Os enviados até 1886 foram: Johann Bernhard Pflüger (pastor em Rio Novo, ES, de 1861-1868, e em Petrópolis, RJ, de 1868-1870), Karl Wagner-Groben (pastor em Sta. Isabel, SC, de 1861-1864, e Rio de Janeiro, RJ, de 1864-1870), Johann Leonhard Hollerbach (pastor em Filadélfia do Mucuri, atual região de Teófilo Otoni, MG/BA, de 1862-1899), Georg Gottlob Strölle

(pastor em Petrópolis, RJ, de 1862-1866) Christian Tischhauser (pastor em Santa Isabel e Desterro, SC, de 1865-1872) Hermann Reuther (pastor em Santa Leopoldina I, ES, de 1864-1871), Heinrich Sandreczki (pastor em Brusque, SC, de 1864-1879, em Blumenau, SC, de 1879-1889), Johannes Stanger (pastor em Picada 48, RS, de 1865-1874), Richard Friedrich Mich. W. Häussler (pastor em Campinas, SP, de 1867-1868), Johann Jakob Zink (Pastor em Limeira, de 1869-1872, em colônia Jerônimo, de 1872-1873, em Rocinha, de 1873-1876, em São Paulo, de 1876-1877, em Rio Claro, de 1877-1891, em Campinas, de 1891-1899 e 1908-1918, todas em SP, e Juiz de Fora, MG, de 1899-1908), Christian Zluthan (professor e depois pastor em Sta. Isabel, SC, de 1870-1909), Michael Mehl (pastor em Sta. Isabel, ES, de 1871-1878), Georg Ertz (pastor em Sta. Leopoldina, ES, de 1871-1876), W. Hausmann (primeiramente professor e depois pastor em Michelsbach, Sta. Isabel, SC, de 1871-1886), Johannes Georg Wittlinger (pastor em Sto. Angelo, atual Agudo, e Paraíso, RS, de 1872-1886), Dietegen Flury (pastor em Sta. Isabel, SC, de 1872-1874, sendo que perde o pastorado por ser acusado de "Mucker", e assume como professor em Mundo Novo, RS, de 1874-1878), Johann Rudolf Müller (pastor em Sta. Leopoldina, ES, de 1873-1879), Johann Rudolf D. Dietschi (pastor em Sta. Maria do Mundo Novo, de 1873-1894, em Taquara, de 1894-1900, em Sapiranga, de 1900-1918, presidente do Sínodo Riograndense, de 1900-1906), August Friedrich Kaz (pastor em Candelária, RS, de 1874-1877), Michael Haetinger (pastor em Vila Tereza e Ferraz, de 1874-1886, em Candelária, de 1876-1890, foi o primeiro "Reiseprediger" do Sínodo Riograndense, de 1890-1892, e diretor do Asilo Pella e Bethania, de 1892-1930, todos locais no RS), Friedrich Müller (pastor em Pires, Limeira, SP, de 1874-1918), Johannes Schäffer (pastor em Sta. Isabel, ES, de 1875-1879, e em Sta. Leopoldina II, ES, em 1879) e Ernst Neudörffer (pastor em Sta. Leopoldina I, ES, de 1872-1882).

Fonte para a lista com os nomes dos enviados diretamente pela Sociedade Missionária: *Archiv der Basler Mission* (doravante: ABM) — *Diverse Statistiken 2*. Agradeço ao P. Dr. Lauri Emilio Wirth por ceder-me as fontes primárias.

- 9 DIE ARBEIT unserer Brüder unter den Deutschen in Brasilien, *Der Evangelische Heidenbote*, Basiléia (4):37, abr. 1864.
- 10 Martin HENNIG, Os auxílios de entidades evangélicas na Alemanha em prol dos evangélicos no Brasil, dos seus primórdios até o ano 1900, In: Joachim FISCHER, ed., *Ensaio luteranos; dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*, S. Leopoldo, Sínodal, 1986 (História da Igreja — IECLB 3), p. 108s.
- 11 Cf. Wilhelm SCHLATTER, op. c., p. 90. Para conhecer mais detalhes, veja-se: Albert BILLROTH, ed., *Ein Evangelist in Brasilien*, Bremen, C. Ed. Müller, 1867, p. 305-8.
- 12 Cf. Wilhelm SCHLATTER, op. c., p. 90. Para conhecer mais detalhes, veja-se: Albert BILLROTH, ed., op. c., p. 282-7.
- 13 Cf. Wilhelm SCHLATTER, op. c., p. 90. Para mais detalhes, veja-se: Albert BILLROTH, op. c., p. 264-82.
- 14 Cf. Wilhelm SCHLATTER, op. c., p. 90. Para mais detalhes, veja-se: Albert BILLROTH, op. c., p. 250-60.
- 15 Walter J. SCHLUPP, *Vasos de barro ou Deus caça mesmo com gatos*, S. Leopoldo, Rotermond, 1983 (Pastor D. Dr. Wilhelm Rotermond, 2), p. 71s.
- 16 Apud ID., *ibid.*, p. 74s.
- 17 *Ibid.*, p. 77. Schlupp escreve que, em 1887, Hollerbach viajou de Teófilo Otoni para Bahia, Sergipe e Pernambuco. Em Salvador encontrou 120 alemães, comerciantes e empregados desses. Hollerbach tinha planos de continuar a fazer missão no Nordeste, mas os habitantes do local dispunham-se a auxiliar, no máximo, com um quinto dos custos, de formas que o sonho se inviabilizou. Também em Recife o pregador itinerante encontrou um bom acolhimento. Em Cachoeira e São Feliz encontrou 50-70 evangélicos alemães. Cf. Walter SCHLUPP, *Evangelische Gemeinde Salvador und Reisepredigtgebiet Nordbrasilien*,

- in: Martin BEGRICH, ed., *Em comemoração do 50º aniversário do Sínodo Evangélico do Brasil Central*; fundado em 28/30 de julho de 1912, São Paulo, Altmeister Hugo Grobel, 1912, p. 69.
- 18 Walter J. SCHLUPP, *Vasos de barro ou Deus caça mesmo com gatos*, p. 77.
- 19 Apud ID., *ibid.*, p. 79.
- 20 Cf. W. HADORN, *Geschichte des Pietismus in der Schweizerischen Reformierten Kirche*, Konstanz/Emmishofen, Carl Hirsch, 1901, p. 492.
- 21 ID., *ibid.*, p. 497.
- 22 *Ibid.*, p. 492.
- 23 Cf. *ibid.*, p. 492.
- 24 Cf. *ibid.*, p. 495.
- 25 DIE ARBEIT unserer Brüder unter den Deutschen in Brasilien, p. 37.
- 26 Cf. W. HADORN, *op. c.*, p. 499. Sobre a “Missão Interna”, veja-se: Marlon Ronald FLUCK, Modelos históricos de missão numa sociedade industrial, *Estudos teológicos*, São Leopoldo, 28(2):187-217, 1988.
- 27 Cf. W. HADORN, *op. c.*, p. 498.
- 28 Cf. ID., *ibid.*, p. 499.
- 29 *Ibid.*, p. 501.
- 30 *Ibid.*, p. 501.
- 31 Cf. *ibid.*, p. 497.
- 32 Cf. Stephen NEIL, *As missões cristãs*, Lisboa, Ulisséa, 1964, p. 286.
- 33 Cf. Paul JENKINS, *Towards a Definition of the Pietism of Württemberg as a Missionary Movement* (palestra ainda não publicada, apresentada na “African Studies Association of the United Kingdom; Oxford Conference 1978: Whites in Africa — Whites as Missionaries”), p. 4.
- 34 Cf. ID., *ibid.*, p. 6.
- 35 Cf. *ibid.*, p. 7s.
- 36 Assim também pensa Paul JENKINS, *op. c.*, p. 10.
- 37 ID., *ibid.*, p. 15.
- 38 Cf. *ibid.*, p. 16.
- 39 *Ibid.*, p. 17. O grifo é meu.
- 40 HOLLERBACH, ap. Max ROTHE, et alii, *100 anos de colonização alemã em Teófilo Otoni, Minas Gerais, 1856-1956*, Ijuí, Oficinas Gráficas do Correio Serrano, 1956, p. 22.
- 41 Ap. ID., *ibid.*, p. 27.
- 42 Ap. *ibid.*, p. 28.
- 43 Cf. Johannes NEUMANN, P. Johannes Stanger, *Brüder-Bote*; Korrespondenzblatt der Basler Brüder in Nord-amerika, Buffalo, 5(2): 108-10, out. 1896. Também: Carlos Henrique HUNSCHKE, *Pastor Heinrich Wilhelm Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no sul do Brasil*, São Leopoldo, Rotermund, 1981 (Pastor D. Dr. Wilhelm Rotermund, 1), p. 173.
- 44 Para Stanger: cf. SCHRÖDER, *Brasilien und Wittenberg*; Ursprung und Gestaltung deutschen Kirchentums in Brasilien, Berlin/Leipzig, Walter de Gruyter & Co., 1936, p. 80 e 377s. Para Johann Rudolf D. Dietschi: cf. Th. DIETSCHI, Pfarrer Johann Rudolf Dietschi, *Sonntagsblatt der Riograndenser Synode*, São Leopoldo, 50 (20):8, 17.5.1936. Para

Michael Haetinger: cf. J. HAETINGER, Pfarrer i. R. Michael Haetinger, *Sonntagsblatt der Riograndenser Synode*, São Leopoldo, 50(20):5s., 17.5.1936.

- 45 DIE ARBEIT unserer Brüder unter den Deutschen in Brasilien, p. 34s.
- 46 Walter J. SCHLUPP, *Vasos de barro...*, p. 77.
- 47 Cf. HOLLERBACH, ap. Max ROTHE et alii, op. c., p. 34.
- 48 Cf. Beat Richard MEIER, Schweizer Schulen gestern und heute; Beiträge zur Geschichte schweizerischer Ausbildungsstätten in Brasilien, *Escola suíço-brasileira (Schweizerschule)*, Santo Amaro, (11):38-46, ago. 1991.
- 49 Christian TISCHHÄUSER, *Pädagogische Winke für Haus und Schule*, Basel, V. Felix Schneider, 1872, 116 p.
- 50 Cf. Beat Richard MEIER, op. c., p. 40, e *TASCHENBUCH für Schweizerische Geistliche (Pfarrerkalender)*, 31. Jg., Basel, Helbing & L., 1896, p. 284. Como professor, ele escreveu: Christian TISCHHAUSER, *Handbuch der Kirchengeschichte*, Basel, C. Detloff's Buchhandlung, 1887, 688 p., e *Geschichte der evangelischen Kirche Deutschlands in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts*, Basel, Kommissionsverlag bei R. Reich, 1900, 713 p. Além desses, escreveu uma biografia popular de Lutero e a obra *Grundzüge der Religionswissenschaft*, a cujos dados bibliográficos não tive acesso no Brasil. Cf. *TASCHENBUCH für...*, p. 284s.
- 51 Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque LACERDA, ap. Beat Richard MEIER, op. c., p. 42.
- 52 Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque LACERDA, ap. *ibid.*, p. 42.
- 53 *Ibid.*, p. 43.
- 54 DIE ARBEIT unserer Brüder unter den Deutschen in Brasilien, p. 37.
- 55 HOLLERBACH, ap. Walter J. SCHLUPP, op. c., p. 79.
- 56 HOLLERBACH, ap. Max ROTHE et alii, op. c., p. 34.
- 57 Cf. HOLLERBACH, ap. Max ROTHE et alii., op. c., p. 35.
- 58 HOLLERBACH, ap. *ID.*, *ibid.*, p. 26.
- 59 Cf. HOLLERBACH, ap. *ibid.*, p. 38.
- 60 HOLLERBACH, ap. *ibid.*, p. 40.
- 61 HOLLERBACH, ap. *ibid.*, p. 41.
- 62 Johann Jakob ZINK, ap. Hans METHNER, A comunidade evangélica luterana de Campinas, in: Martin BERGRICH, ed., *Em comemoração do 50º aniversário do Sínodo Evangélico do Brasil Central fundado em 28/30 de junho de 1912*, São Paulo, Altmeister Hugo Grobel, 1962, p. 49.
- 63 Miguel Epaminondas OTTONI, *Manuscrito sobre a história do município de Teófilo Ottoni* (encontrado no Instituto Hans Staden de São Paulo, sob a referência: 6 VI a n. 95), p. 18.
- 64 Gerhard GRAETZ, A Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro, in: Martin BEGRICH, ed., *Em comemoração do 50º aniversário do Sínodo Evangélico do Brasil Central...*, p. 53s.
- 65 *PEQUENO relatório sobre o caracter e o estado actual do Synodo Riograndense*; apresentado no 11º Congresso Mundial das escolas dominicaes a realizar-se no Rio de Janeiro aos 25 a 31 de julho de 1932, s. p.
- 66 *Geschäftsordnung der Conferenz Evangelischer Pastoren zu Rio de Janeiro, wie sie von den Unterzeichneten berathen und angenommen worden ist*, parágrafo 5, in: Archiv der Basler Mission (ABM), FB — 1,1. Agradeço ao P. Dr. Lauri Emilio Wirth por haver cedido todas as fontes primárias desse arquivo, que aqui cito.

- 67 Cf. Herman BORCHARD, *Carta ao Conselho Diretor de Berlin, escrita em São Leopoldo, 7 de maio de 1866*, in: Evangelisches Zentralarchiv in Berlin (EZA), 5/2178 (Die Evangelische Generalsynode für Brasilien).
- 68 Cf. EVANGELISCHER OBER-KIRCHENRAT, *Carta a Borchard, escrita em Berlin, 27 de julho de 1866*, in: EZA, 5/2178. Agradeço a Wirth também pelos textos provenientes desse arquivo.
- 69 Lauri Emilio WIRTH, *Protestantismus und Kolonisation in Brasilien; Kontextualität, Ekklesiologie und Institutionalisierung einer deutschen Einwanderer-Kirche in Santa Catarina; Inauguraldissertation zur Erlangung des Doktorgrades an der Theologischen Fakultät der Ruprecht-Karl-Universität zu Heidelberg*, 1990, p. 103.
- 70 Cf. ID., *ibid.*, p. 102.
- 71 Cf. *ibid.*, p. 102s.
- 72 Na primeira conferência, de 12-19 de agosto de 1867, participaram Karl Wagner, Johann Leonhardt Hollerbach, Hermann Reuther, Heinrich Sandreczki e Christian Tischhauser. Na segunda, de 19-26 de outubro de 1868, participaram Wagner, Reuther e Sandreczki.
- 73 Cf. Lauri Emilio WIRTH, *op. c.* p. 101s.
- 74 Cf. ID., *ibid.*, p. 98-100.
- 75 *FESTSCHRIFT der Deutsch-Evangelischen Gemeinde in Petrópolis; zur Erinnerung an die Einweihung der Kirche am 24. Mai 1863; 1863-1913, Petrópolis, Druckerei der Nachrichten, 1913, p. 10.*
- 76 *FESTSCHRIFT der Deutsch-Evangelischen Gemeinde in Petrópolis*, p. 11. Em uma carta ao P. Mehl, escrita de Sta. Isabel, SC, Christian Zluhan pergunta se o posto do P. Reuther seria preenchido por um novo missionário ou se “será perdido para os de Basileia como Petrópolis”. Carta escrita em Santa Isabel, 26.12.1870, in: *BRIEFKOPPIER-BUCH von Pastor Chr. Zluhan in Sta. Isabel, Sta. Cath. 1870-72; Abschriften u. Auswertung von P. Max-Heinrich Flos, MS, 1957.* Encontrei esse manuscrito no Instituto Hans Staden de São Paulo, sob a sigla Zz 107/k.
- 77 Cf. *FESTSCHRIFT der Deutsch-Evangelischen Gemeinde in Petrópolis*, p. 12.

Marlon R. Fluck  
 Caixa Postal 14  
 93001-970 São Leopoldo — RS